

O começo – 06 de setembro de 2016.

Hoje iniciamos o trabalho. Trouxemos imagens, desejos, texturas, sonoridades. Primeiro, eu e a Nara expomos para a Gabi as nossas inquietações e os desejos. Iniciamos a conversa com a problemática da política atual. Nós duas falamos sobre a nossa necessidade de falar sobre o golpe e o retrocesso político que estamos vivendo no Brasil. A nossa sensação de incapacidade. A impotência diante a um problema complexo e tramado pela política mundial. Falei sobre a minha incapacidade de lidar com essa situação desastrosa que vivemos no Brasil, o distanciamento como fulga. O que fazer? O teatro é claramente para nós um caminho para trazer esperança. Um respiro de poesia para a humanidade e principalmente para nós.

Falamos da trama da vida. A relação dessa complexidade política atual com toda a imensidão do planeta, a musicalidade na cena, o silêncio, o holograma, a beleza estética da natureza, o corpo humano, as estrelas, o tempo, a luz. Temos desejos de falar muitas coisas diferentes. A trama, a teia que conecta todas as ideias e temas é um caminho para juntas os cacos, todos os temas variados.

Na investigação sobre a teia trouxemos a imagem do novelo de lã. A sensação gostosa que eu e Nara temos de desenrolar um núcleo de fios enrolados. É como se resolvêssemos os nossos problemas ao desenrolar os fios. Os fios também ligam e tecem a trama falada por nós. E a rede de conexão entre nós o mundo.

Os fios também traçam uma linha do tempo. Um espaço cronológico, mas não necessariamente linear. As mortes diárias e a vida que surge sempre também estão presentes nessa linha do tempo que pode ser interrompida, recomeçada, com retrocessos e avanços.

Gabi trouxe a imagem da luz. Um foco de luz que começa pequeno e que se abre no final. A luz para brincar com o jogo de sombras, tamanho dos corpos. A sombra, o que não é visível, o que é visível. O foco de luz para dar textura e profundidade nos corpos. A luz também pode trazer a consciência.

Invisibilidade (luz) sombra (luz) visibilidade.

A luz também veio na figura do fogo. Gabi colocou uma cena em que nós duas ficamos olhando uma pequena chama de fogo que quase morre. Nós seguimos olhando e desejando que esse fogo não se apague.

Falamos também da ideia de um grande quebra cabeça. Um mapa no chão onde possamos nos movimentar. Peças grandes ligadas por um fio. Um mapa em que caminhamos e deslocamos sobre ele. O quebra-cabeça pode traçar labirintos, obstáculos.

O palhaço é o caminho para falar de coisas sérias como uma brincadeira. Nara falou do desejo de ter jogos e experiências com as nossas duas palhaças: Ananica e Macarroa. Essa vivência em sala de ensaio pode dar substrato para cena.

Hoje também mostramos uma parte da cena do Achadours. Mostramos até a chegada no palet. Mostramos com poucos elementos do cenário. Apenas a mesa e um

tapete para mostrar a travessia das duas personagens. Em função disso também falamos de algumas imagens e semelhanças que temos trabalhados nesse processo que se inicia e o Achadouros.

Fizemos um exercício com máscara neutra proposto pela Gabi. Com um pedaço de papel cada uma de nós duas montásemos uma máscara. O exercício foi feito separadamente para cada uma de nós.

Usando a máscara que construímos a situação era que a pessoa vivia em uma comunidade/tribo dentro de uma caverna escura. Como o mito da caverna de Platão. Um dia ela resolveu sair dessa caverna para conhecer o mundo do lado de fora. Muita luz. Há o momento que a pessoa dança do lado de fora com êxtase e junto com a máscara. Depois distancia-se da máscara. Estranha a máscara e volta para a caverna para contar a todos o que aconteceu.

Nara começou. A narrativa era clara, mas o percurso pessoal que ela traçou era bem diferente do meu. As emoções e caminhos internos foi bem diferenciado. A condução do exercício também foi feita pela Gabi. Ela dava indicações e também colocava música. As músicas nos levavam para lugares bem diferentes também.

No meu exercício, percebi que o escuro da caverna era confortável, mas ao mesmo tempo a caverna não dava conta da nossa curiosidade, dos nossos anseios. Eu saí cuidadosamente da caverna para conhecer outros mundos. Os movimentos eram difíceis e cautelosos. Do lado de fora a luz era pena. Era um êxtase. A luz tomava conta de todo o meu corpo. Entrava por todos os poros e preenchia um vazio enorme dentro de mim. Preenchia os meus espaços vazios. Aquecia a solidão, dava conta de tapar os buracos, as lacunas. Houve no momento de fazer uma dança com a máscara. Esse momento a Gabi deu a indicação de ficar de olhos fechados e também como se eu estivesse dançando dentro da água. A máscara caiu na dança.

Foi um marco. Foi nítido a diferença. Quando a máscara caiu nada parecia igual. A máscara cai durante a dança, mas também porque eu já não estava mais na caverna. Porque do lado de fora não dá mais para usar a máscara. Eu olho a máscara no chão e não mais me reconheço.

A Gabi conduz a experiência com uma narrativa com imagens bem fortes: Do lado de fora da caverna uma floresta está pegando fogo. Muito fogo. Tudo está acabando. Ela pede para que eu mantenha um foco em um único ponto. Entro em estado de muito choro. Construo uma imagem de muita tragédia. Ela pede para que eu convoque todas as minhas forças para fazer aquele fogo apagar, para que chova. O meu corpo entra em desespero. Vou me abaixando e me coloco de joelhos, como um bicho na espreita. Faço muita força e coloco muita energia para que chova e o fogo se apague. Por fim isso acontece. Muito alívio e alegria. Me distancio da floresta e volto para a caverna com a sensação de missão cumprida. Deito no chão como no início, mas tenho a nítida percepção de que não dá mais para viver na caverna como antes. Depois de tudo que aconteceu do lado de fora da caverna eu não consigo mais viver no escuro da caverna.

O exercício foi bastante forte e emocionante para mim. No final do ensaio falamos mais de algumas imagens poéticas que cruzamos com a experiência do exercício. O Pedro chegou e também tratamos de algumas questões de produção e acomodação da Gabi.

Como trabalho para amanhã foi solicitado: uma sinopse a partir do que foi trabalhado e falado no ensaio; referências musicais; Descrição de Imagens em folhas

separadas; Gabi pediu para o Pedro para comparar quatro novelos de lã vermelhas para usar nos próximos ensaios.